

Dez adolescentes, um por dia, falam da escola, dos amigos, da relação com os pais e das coisas de que mais gostam – os videojogos, o surf, a música, as festas. E também dos seus quartos. E do significado que esse local tem para eles. Maria Sá é uma tocadora de harpa a quem a religião ensina a pensar nos outros primeiro

**Adolescentes (10)**  
**Natália Faria** (texto)  
**e FERNANDO VELUDO /**  
**NFACTOS** (fotos)

Toca harpa desde os sete anos, assume que gostava de casar virgem. Maria Sá e Sousa Carneiro da Silva, de 15 anos, não será a adolescente típica. Além do tempo passado no Conservatório de Música do Porto, onde frequenta o 11.º ano, dedica várias horas por dia a treinar sustentidos e bemóis na sua harpa, que ocupa lugar destacadíssimo na sala de estar e de estudo da sua casa.

Passa assim pouquíssimo tempo no seu quarto. Que, de resto, partilha com a irmã mais nova dois anos. “Falo muito no quarto. Como durmo pouco, ponho-me a falar e a minha irmã está sempre a dizer ‘cala-te’”. Por causa disso, a mãe de ambas decidiu separar as camas, que ocupam agora lugares extremados no quarto. Ao lado da sua cama, de frente para a porta, um quadro magnético segura uma reprodução de *The Musique*, de Gustav Klint. Entre as duas camas, dois pufes verde-alface e uma mesinha de formas arredondadas onde repousam uma *Biblia*, um terço e uma vela. “Tento rezar todos os dias. De manhã e à noite”, explica Maria.

A religiosidade surpreende porque nada a fazia prever na conversa que decorreu, ao longo de mais de meia hora, no piso térreo da casa. Maria acrescenta que a missa dominical também faz parte dos seus hábitos e garante que não é imposição familiar. “O meu pai não é religioso, a minha mãe sim e eu também”. E o que é que uma adolescente de uma geração tida como individualista e hedonista vai buscar à religião? “Acho que a religião me faz mais feliz e ajuda-me a pensar mais nos

outros. Gosto muito da passagem da *Biblia* que alude ao mandamento ‘amai-vos uns aos outros’, precisamente porque nos ajuda a pensar mais nos outros do que em nós próprios”.

Por considerar que não faz sentido afirmar-se católica e não praticar os mandamentos da sua religião, Maria assume que gostaria de esperar pelo casamento para iniciar a sua vida sexual. Mas garante que não anda propriamente a catequizar os amigos. “Não concordo com o que algumas minhas amigas fazem, mas respeito. Quando me pedem opinião, dou-a, mas ir além disso já seria meter-me na vida delas”. Para tão arreigadas convicções contribuirá o ambiente doméstico, mas também o facto de ter frequentado uma escola religiosa, o Colégio Horizonte, antes de, à entrada para o 10.º ano, ter optado pelo ensino integrado no conservatório. Até lá, frequentou a instituição no regime supletivo, o que equivale a dizer que lá ia apenas receber a sua formação musical.

A forma como chegou à harpa parece decalcada de uma daquelas histórias da *Anita*. “Costumava ir aos concertos com os meus pais. Num desses concertos de orquestra, a minha mãe reparou que eu estava muito atenta à harpa. No intervalo, fomos ter com a artista, que explicou mais ou menos como funcionava o instrumento. A minha mãe perguntou-se se eu gostava de aprender, e eu disse-lhe que sim”.

### Nem muito bonita nem feia

Maria tinha sete anos. “O que me atraiu na harpa foi o som. O piano tem um som mais martelado, as guitarras são mais metálicas...”. Podia ter sido o violino, lá está, como na história da *Anita*, mas “o som é demasiado agudo”. A harpa, ao contrário, “tem todos os timbres, tanto os agudos como os graves”. No iní-



**Maria Sá assume que gostaria de esperar pelo casamento para iniciar a sua vida sexual**

cio, custava-lhe a obrigatoriedade de treinar todos os dias, “nem que fosse por quinze minutos”. E ainda hoje isso é alvo de quezílias lá em casa. “Às vezes, sou eu a querer sair e a minha mãe a lembrar-me que tenho de estudar”. O que a leva à definição do que é ser adolescente: “É acharmo-nos os melhores e acharmos que os nossos pais não valem nada. É querer sempre mais, querer ser, viajar, conhecer...”.

No seu caso, a adolescência parece passar ao lado das angústias com a aparência e a imagem. “Não gosto de comprar roupa. Quando compro, é porque as coisas já estão mesmo muito estragadas”, conta, afirmando-se como uma rapariga “nem muito bonita nem feia”.

A pesar de nem sempre lhe apetece o treino diário, que entretanto aumentou para as três ou quatro horas por dia, tem com a harpa uma relação que se adivinha umbilical. “É trabalho, é prazer, acho que é tudo”. Ainda hoje se desfaz num sorriso largo quando recorda

o momento em que, aos oito anos, conseguiu tocar uma peça de Bernard André, compositor, sim, mas de sonoridades jazzísticas. “Toda a gente acha que a harpa é um instrumento angelical, mas também tem essa faceta”, sublinha Maria.

Para descansar dos clássicos, relaxa com bandas como Coldplay e U2 e nisso assemelha-se a tantos outros da sua idade. Foge das discotecas porque a “música demasiado alta” lhe magoa os ouvidos. De resto, trata de ir arranjando tempo para se manter minimamente informada do que se passa no país. Sabe que a crise se deveu ao endividamento do país e sabe o suficiente para dizer que “os responsáveis por esse endividamento deviam ser chamados à responsabilidade”.

### Futuro em Paris ou Londres

E não, não foi beber o que sabe à Internet. Vê telejornais e vai lendo os jornais que os pais levam para casa. Está (quem não está?) ligada ao Facebook e tem uma conta de *email*.

Porém, garante que, ao contrário de boa parte dos rapazes e raparigas da sua idade, faz das redes sociais um uso instrumental. “Não tenho muito tempo para estar ligada. Uso o Facebook não tanto para publicar mas mais para estar em contacto com as pessoas que vou conhecendo e que moram longe...”.

É uma das consequências das viagens que faz por causa da harpa. A semana anterior à entrevista, passou-a na Suíça, onde foi seleccionada para uma *masterclass*. Mas diz que o país que gostava mesmo de conhecer melhor é a Áustria. “É um país com muita música, concertos... e tem cidades tão bonitas. Viena, Salzburgo. Adorava conhecer”.

O mais certo é que faça muito mais do que isso. Para já porque o prosseguimento dos estudos vai, quase de certeza, “desviá-la” para Londres ou Paris. “Ambas têm faculdades de referência na harpa. Londres tem a vantagem de oferecer também muito trabalho nos musicais, dá para ganhar dinheiro...”, diz.

“Ela é um lixo. É gorda, feia, horrível. Gozem com ela no Ask dela”

– Já fizeste sexo bitch????  
– O sexo fez-me!  
– És virgem?  
– [Risos] Devas ir comprar um cérebro. Nem que seja de plástico.

No Ask.fm, fazem-se perguntas e obtêm-se respostas. Neste diálogo, as respostas são dadas por uma rapariga do Porto que não terá mais de 14 anos.

No Ask.fm, também se fazem pedidos. As respostas também podem ser filmadas.

– Mostra um sutiã (sic).  
– Mostra a barriga.

No Ask.fm, diz-se o que se pensa dos amigos, classifica-se numa escala de zero a 10 a beleza dos colegas, fala-se de sexo.

– Vocês criticam e “gozam” toda a gente pela maneira de ser e pela orientação sexual?? Só porque é bissexual já é motivo para gozar? Cada um é como é e vocês não têm nada a ver com isso!! Metam-se na puta da vossa vida crl!

No Ask, elegem-se alvos entre os colegas, traçam-se estratégias de perseguição, como divulgar o número de telemóvel de uma rapariga lá da escola e desafiar a comunidade:

– 911 XXX XXX Liguem a esta puta nojenta. Ela é um lixo. É gorda, feia, horrível. Com apenas 13 anos já fodeu e fode a 5 euros [...]. Gozem com ela no Ask dela.

Ou:

– Ela n'ouve musica de jeito, so ouve merrrrrda!!!! gosem kom ela no ask dela!!!! (sic)

Todos estes diálogos pertencem a utilizadores portugueses, de 13, 14, 15, 16

anos... No Ask.fm, há crianças e adolescentes que se identificam, põem o nome, a foto, o endereço de *email*, do Facebook. E outras pessoas que não se sabe se são crianças ou adultos, porque preferem o anonimato. Há portugueses, ingleses... São, em todo o mundo, 60 milhões os utilizadores. A rede social tem estado no centro da polémica no Reino Unido depois da morte de Hannah Smith, no início de Agosto. A menina de 14 anos foi encontrada enforcada no quarto — o pai diz que ela se matou depois de ter sido vítima de insultos violentos e continuados no site. Segundo o jornal *The Guardian*, os suicídios de seis outros adolescentes nos últimos meses podem estar relacionados com o *cyberbullying* cometido no Ask.fm.

Aqui, as conversas descambam facilmente. Não é que não haja diálogos inocentes. Há muitos. A maioria. “Que música descreve o teu dia? O que achas da comida da cantina?” E palavras doces, troca de elogios, “és linda”, “és o meu mano”. Mas também há o resto. E o resto é adultos a meter conversa com crianças e crianças a elegerem como alvo outras crianças. O que as faz ficar aqui, tantas vezes, mesmo quando o ambiente fica pesado? Ana Tomás de Almeida, do Departamento de Psicologia da Educação da Universidade do Minho, vale-se de uma imagem do mundo animal: perante um ataque, a vítima de um predador pode “ficar paralisada pelo medo”, os músculos não reagem. Será o

que se passa com alguns destes jovens: são “vítimas do efeito predatório”. As pessoas que não conhecem a forma como funcionam estes sites, continua a investigadora que participou num estudo internacional sobre *cyberbullying*, podem achar que a solução para alguém que está a ser vítima é simples: bastaria desligar o computador, abandonar o fórum para sempre. “Mas, para muitos miúdos, e muitos adultos também — porque isto não se passa apenas com adolescentes —, aquele é o seu círculo social; sair do grupo significa enfrentar o risco de ficar sozinho. E muitos calam o sofrimento, negam que ele exista, e não saem.”

Em teoria, não é assim tão diferente do que se passa no *bullying* tradicional — as ameaças mais ou menos veladas e os insultos que se suportam em segredo nos recreios e corredores da escola. Mas tem outro potencial. Na Internet, uma mensagem ofensiva difunde-se num ápice. “É difícil apagar.” E o número potencial de agressores é muito maior — qualquer um pode ser, não é preciso ser forte para dominar, como acontece no recreio do mundo real. Na verdade, há estudos que mostram que os *bullies* (agressores) no mundo virtual já foram, muitas vezes, vítimas na escola; vingam-se atrás do ecrã, a coberto do anonimato.

Segundo o projecto EU Kids Online, 6% das crianças europeias entre os 9 e os 16 anos foram alvo de *bullying online*.

Em Portugal, apenas 2% dizem o mesmo. Ana Tomás de Almeida cita outro inquérito, feito por uma equipa que integrou, a 1600 adolescentes dos 13 aos 18 anos, em Lisboa e Braga: 10% tinham já sido vítimas de *cyberbullying*.

O estudo internacional *Health Behaviour in School-Aged Children*, da Organização Mundial de Saúde, mostra que está bem mais generalizado o *bullying* presencial: 32,1% dos cerca de 5000 adolescentes portugueses entrevistados disseram que, no ano anterior ao inquérito, tinham sido provocados, em média, uma vez por semana. E cerca de 60% referiram já ter assistido a situações de *bullying*. A maioria viu, “não fez nada e afastou-se”. No mundo virtual não é diferente.

Este é um ponto-chave na prevenção do *bullying* tradicional como no *cyberbullying*: não só é preciso que professores e escolas estejam atentos ao fenómeno e lhe dêem o devido valor, como é necessário envolver os pares numa pedagogia de condenação deste tipo de comportamentos: “As associações de estudantes, os grupos juvenis — as acções de prevenção têm que partir de quem está próximo” das vítimas, sublinha Ana Almeida.

Regresso ao Ask.fm: perante o ataque à jovem a quem alguém pede que infernizem a vida ligando-lhe para o telemóvel, há uma rapariga de 15 anos que responde: “OLHA LÁ, QUEM ÉS TU PARA FALARES DAS PESSOAS DESSA MANEIRA?!” A vítima, essa, fechou entretanto a conta. Já não está no Ask. **Andreia Sanches**



Apesar de não hesitar quanto aos estudos no estrangeiro, confessa-se assustada ante a perspectiva de ter de sair de casa dos pais. De resto, o futuro adivinha-se cheio de encruzilhadas. “Posso ser música a solo, dar os meus recitais, ou tocar numa orquestra, mas será difícil conciliar uma carreira a tocar harpa com a família, filhos, marido. Se calhar, para estabilizar, terei que dar aulas.... Sim, imagino-me a dar aulas, com uma família”.